

DEDICATÓRIA

Para O Guardião,
com quem aprendi a viver sem o que me faltava
e que agora me habita em cada linha.
E para todos os que escreveram para não sumir.

AGRADECIMENTOS

Tenho tanto a agradecer, mas a tão poucas pessoas.

Ao meu marido, sou grato pelas simples e essenciais palavras ditas em um momento de crise: 'Escreve, amor.' Sou grato, também, por cada leitura rica em cuidado e carinho.

Aos meus amigos, agradeço pela escolha e confiança de criar vínculo com uma pessoa sem vínculos consigo mesma.

À minha tia, agradeço por ser a primeira pessoa a se juntar na busca da essência dissolvida em cada uma dessas páginas.

Ao meu psicólogo, agradeço por cada momento onde as dores deixadas pelas lacunas em minha mente foram acolhidas.

À minha psiquiatra, agradeço pela imensa trajetória pavimentada pelo mais sincero cuidado.

Agradeço a você que, por qualquer razão, decidiu se juntar a mim, reconhecer minha história e me ajudar a recolher os pedaços que ainda sobrevivem.

APRESENTAÇÃO

Este não é um livro de respostas, mas de perguntas. É o meu registro impregnado da substância que me coube. Como todo e qualquer livro, cada palavra está imbuída da essência de quem o produz. Mas, o que acontece quando tal essência é dilacerada pela mente e tomada pelo controle alheio? Como retomá-la sob a eterna busca por um self moldado por uma simples e corriqueira pergunta.

“Por que você é assim?”

A resposta a essa pergunta não veio de fora, mas de dentro da memória, essa terra movediça. Eu não buscava um diagnóstico, mas a simples ordem cronológica de uma vida confusa. O que encontrei, na verdade, foi uma narrativa feita de pedaços distorcidos, fragmentos malformados e vazios. A minha desordem não era apenas psicológica; ela tinha uma base física, uma fragilidade nos ossos marcada pela Doença de Ollier, que antecipava a fragmentação da mente. A memória, para mim, não é um filme contínuo, mas o reflexo direto de um Transtorno de Estresse Pós-Traumático Complexo (TEPT-C). A figura de minha mãe, aquela que apenas amava, não sobreviveu ao trauma; o que restou foi O Guardião, uma progenitora vinculada a mim apenas pela custódia legal. Este livro, “Eu, aos pedaços”, é o produto dessa desordem e, ironicamente, o mapa que permitiu aos profissionais da saúde darem um nome ao meu caos. A escrita foi o sintoma que levou ao laudo. Portanto, esta obra não é apenas minha memória, é a prova de que a dor, quando confrontada, finalmente se organiza.

Para entender como cheguei até aqui, precisaremos revisitar os campos de batalha de minha infância. Pense neste livro como um novelo de lã. O fio que você encontrará na primeira página é apenas o mais aparente, o gancho inicial. Nossa jornada será desenrolar essas memórias em ordem reversa, partindo do passado mais recente para tentar alcançar o núcleo desse novelo — o início de tudo. Nesse caminho, revisitaremos a pressão d’O Guardião, buscaremos o refúgio inabalável do xadrez e dos dinossauros, e questionaremos a inautenticidade dos troféus vazios. Eu, o autor, ainda não sei o que encontraremos. Por isso, faço a você um convite: venha testemunhar como um self dilacerado aprende a costurar seus próprios pedaços. Ao final desta leitura, espero que você, leitor, possa me dizer qual é a minha essência, pois eu ainda a procuro.

AVISO LEGAL

Este livro é uma elaboração literária baseada em memórias pessoais do autor.

Alguns fatos, nomes, locais e características foram alterados, fundidos ou ficcionalizados para resguardar a identidade de terceiros e preservar a intimidade das experiências narradas.

As lembranças aqui descritas estão atravessadas por processos subjetivos e pela influência do Transtorno de Estresse Pós-Traumático Complexo (TEPT-C), não devendo ser interpretadas como relato fidedigno ou registro documental dos acontecimentos.

Qualquer semelhança com pessoas não identificadas diretamente é resultado da reconstrução de memória e não configura referência intencional.

O conteúdo reflete unicamente a percepção do autor no momento da escrita, sem pretensão de substituir diagnósticos, servir como prova jurídica ou histórico oficial.

Este livro deve ser lido como exercício de expressão, memória e ressignificação pessoal.

INTERLÚDIO

"Why don't you tell me in your own words why you did what you did? Was it the narcotics?"

"Maybe."

"Were you unhappy?"

"No."

"Was it him?"

"No."

"Well then what was it?"

"I don't know what you mean."

"I know what's wrong with you. You're just broken inside. You never did anything right. You're fucked up. Say it with me."

"I'm broken. I never did anything right. I'm fucked up."

"Do you feel better?"

— Diálogo da introdução do vídeo de "*Moments*", por Tove Lo.

CX

Era dia de prova. Cálculo. Integrais, derivadas e algo mais que não entendia. Eu e O Guardião estávamos trocando faíscas há alguns dias. As contas chegavam, ele dizia que o dinheiro estava apertado e eu queria que o quarto vazio no apartamento fosse preenchido para que as contas fossem divididas.

Ele não queria. Eu prometi à minha avó que moraria em um lugar seguro. Morar com um estranho não fazia parte da promessa.

Eu insisti. Meu amigo não era um estranho. Ele moraria lá, eu não ficaria sozinho e O Guardião pagaria menos aluguel.

Ele não queria.

Eu insisti.

O Guardião disse que eu não iria transformar meu apartamento em uma república, mesmo que esse nunca tivesse sido o plano.

‘De onde ele tirou essa ideia?’

Ele sabe que muitas pessoas frequentam o “meu” apartamento.

‘Como ele sabe?’

‘De qualquer forma, qual é o problema?’

Ele me proíbe de levar pessoas ao apartamento. Pede para a síndica instruir os porteiros para que não seja permitida a entrada de pessoas para o meu apartamento. O “meu” apartamento.

Nós discutimos pelo telefone.

Digo que não vou ficar preso e sozinho. Meus amigos frequentavam o “meu” apartamento assim como qualquer amigo fazia em casa, quando morava em São Paulo.

O Guardião diz que não vou transformar meu apartamento em república.

Digo que já sou adulto e preciso aprender a fazer minhas escolhas — e que ficar sozinho não vai ser uma delas.

“Vou levar quem eu quiser pro meu apartamento!”

Mesmo pelo celular, é possível sentir a pressão entre seus dentes aumentar.

Ele diz que não vou desafiá-lo. Desliga o telefone.

Meu coração acelera. Como uma pistola fumegante, um cheiro de alerta exala por entre os metais do celular.

Meus olhos se arregalaram, como se entendessem o recado.

“Amigo, O Guardião tá vindo. Ele tá vindo. Amigo, eu sei que ele tá vindo.”

Ao meu lado, Cantu parece confuso. Meus amigos sempre pensaram que eu exagerava quando falava d’O Guardião. Cantu não parece acreditar.

“Amigo, falta na aula. Eu vou fazer a prova correndo e a gente vai pro meu apê. Me ajuda a pegar minhas coisas. Amigo, ele tá vindo.”

Confuso e apreensivo, ele concorda.

* * *

Nunca chegamos tão rápido ao meu apartamento. Não há tempo a perder. Eu arrumo as malas. Ele recolhe tudo o que vê e julga importante.

Uma garrafa de bebida na geladeira. Não sabemos o que fazer. Optamos por descartar o líquido com cheiro intenso pela pia da cozinha — excelente ideia, O Guardião jamais notaria o fedor que saía pelo ralo.

Notebook. Roupas. Cadernos. Sapatos. Qualquer comida.

Parecem tantas coisas. Há poucas malas.

Outro dos meus amigos tinha conseguido fugir da república tradicional e agora morava no condomínio. Ligo para ele e peço para guardar minhas coisas na casa dele.

O tiquetaquear vira um zunido em meus ouvidos.

‘Ele tá vindo. Ele tá vindo.’

No outro apartamento tenho tempo de pensar. Me recordo da república perto de casa. Com uma mochila cheia de roupas, eu e ele vamos até lá.

Desesperado, bato na porta dos fundos.

Três moças estão lá. Apenas reconheço uma delas.

Eu explico a situação. Elas tentam me acalmar. Não sei se acreditam em mim, mas me acolhem e dizem que vão me ajudar.

Peço para ele voltar para a república dele. O Guardião pensa que nós somos namorados e não seria bom se ele estivesse ali quando O Guardião chegasse.

* * *

“Onde é que o senhor está?” — ele diz ao celular. Em meio a sua voz, o eco característico do prédio central da universidade confirma minha paranoia.

Meu coração bate tão forte que o pulsar dos vasos sanguíneos finalmente aquieta o ruído de relógio em meus ouvidos.

As moças da república parecem surpresas. Parece que testemunham um evento profético.

“Eu estou em um lugar seguro. Por quê?” — minha voz luta para sair.

“O senhor não tem aula hoje? Estou na faculdade e não te encontro. Você não assiste às aulas, é!” — ele insiste.

“Onde
você
está?”

Repito que estou em um espaço seguro.

“Quero você no apartamento quando eu chegar lá.” — ele desliga.

Elas dizem para que eu vá, mas tome cuidado.

* * *

Um cheiro alcoólico domina o ar. Eu chego alguns minutos antes d'O Guardião.

Ele grita.

Questiona quem eu penso que sou. Diz que não sou ninguém, que dependo dele. É ele quem manda.

Pergunta sobre o cheiro e me acusa de beber.

Na cozinha, há um saco de laranjas. Dezenas delas são arremessadas ao chão.

“Você não come laranja, Ricardo! De quem é isso?”

Na geladeira, há uma alface. Suas mãos agarram a alface.

“Você não come alface, Ricardo!”

O Guardião derruba a porta do segundo quarto e se espanta ao encontrá-lo vazio — como o deixou e como sempre esteve.

Ele diz que vou morar sozinho. Prometi à minha avó.

Ele diz que não vou levar mais ninguém ao apartamento, especialmente o meu namorado — quem me dera.

Eu rebato. Me recuso a ser aprisionado.

Se não fizer do jeito d'O Guardião, é melhor eu procurar outro lugar para morar.

Eu concordo. Prefiro viver do meu jeito, seja aonde for, do que ser sentenciado dessa forma.

* * *

Estamos em seu carro. Só agora me dou conta de que meu primo veio junto com ele. Meu primo está calado. Parece não querer estar ali.

Vamos ao banco. O Guardião me obrigou a sacar todo o dinheiro da conta e dar para ele. Afinal, era dinheiro era dele.

De volta ao carro, ele grita. Pede para que eu me sente no banco do passageiro. Meu primo, atrás de nós, tenta pedir para que ele não faça o que diz, mas sua voz parece falhar.

O Guardião diz que só não arranca o celular da minha mão porque eu preciso dele para falar com os meus machos.

Ele diz que não vou usar o apartamento dele para fazer orgias e tampouco me deitar na cama com meu namorado.

Eu achei que o problema fosse transformar o apartamento em uma república imaginária..., mas me enganei.

Não vamos ao apartamento. Ao invés disso, O Guardião vira na rua errada.

Ele segura meus pulsos:

“Você vai voltar para São Paulo.”

Milhares de coisas passam pela minha cabeça. As cenas em minha mente mudam a cada batida no meu peito. Tomo a decisão mais lógica.

Em meio a gritos de pânico...

Abro a porta. Me lanço. Pulo.

Corro. Eu corro. Minha perna ajuda e me impulsiona o máximo que pode.

Ouçó o som de pneus cantando. Viro para trás e vejo uma manobra que faz o carro girar cento e oitenta graus em questão de segundos.

Corro. Eu corro. O carro também.

Consigo chegar na porta da república das meninas.

Bato. Eu bato.

Elas abrem, assustadas.

Não consigo falar. Estou chorando ou suado?

Entre a porta da sala e o portão de entrada, as meninas formam uma barreira.

O Guardião chega. Ele grita.

“Você está na minha casa. Aqui tem gente que trabalha cedo e estuda. Você não vai gritar” — uma delas diz, calmamente.

É surpreendente.

Nunca vi alguém tratá-lo dessa forma e surtir efeito.

Em voz baixa, O Guardião diz que vou me arrepender.

Ele diz que eu a traí e que sou moleque.

Ele diz.

Ele diz.

Eu escuto.

Eu tremo.

Ele se vai.

Elas me acolhem.

CIX

Metade do ano se foi e agora tenho dezoito anos. Sinto que sou algo totalmente diferente do que era no começo do ano. Após cinco meses, minha alimentação melhorou — meu prato está tão colorido quanto meu espírito.

Minha confiança conquistou o medo e agora é ela quem guia meus movimentos.

Outras coisas, no entanto, não podem melhorar. Minha perna é uma excelente parceira, mas suas limitações são resistentes e teimosas.

O Guardião me diz para começar a buscar por autoescolas. Ele quer que eu tire a carta de motorista. Promete me dar um carro.

Nada do que ele fala faz sentido... Como ele pode me dar um carro se ainda paga a escola dos meus irmãos? Se ao menos a gente conseguisse diminuir os gastos.

Só você se preocupa com isso.

Você vai demorar para aprender que essa preocupação não é sua simplesmente porque ela não é real.

Após algumas tentativas de conversas, decidi ceder à vontade d'O Guardião. Mesmo dizendo que o carro era desnecessário para o meu contexto, ele está convencido de que é essencial para mim: irá me fazer almejar crescer na vida.

Vou a algumas autoescolas e faço um orçamento. Os valores me assustam, mas tento não me preocupar.

O Guardião estava muito ansioso para que eu tirasse a habilitação. Ollier deixou algo de bom, afinal. O Guardião dizia que por conta da lesão no meu nervo — meu pé não se dobra e meu dedão não se levanta — eu poderia tirar uma carteira de motorista especial, que me isentaria de pagar IPVA e outras coisas.

Ganhando quatrocentos reais — que eram confiscados por ele — e vivendo às custas dele, tudo parecia surreal. Mesmo com desconto, como eu arcaria com os custos de um carro?

Ao escolher a autoescola, sou impedido de fazer a matrícula.

A cidade não consegue emitir habilitação especial.

Minha perna, então, pôs fim a uma discussão. Por puro acaso, ela parece ter ficado a meu favor.

O Guardião diz que não devo me preocupar.

Vou começar o processo de habilitação nas férias de fim de ano, em São Paulo.

Não entendo como alguém pode crescer sem ter controle sobre as próprias escolhas.

Talvez fosse isso. Crescer dói.

E não era eu quem estava sentindo essa dor.

CVIII

Uma das funções do PET era elaborar e cuidar do andamento da semana acadêmica — palestras, minicursos e coisas do tipo.

Quando entrei no programa, a semana estava totalmente planejada. Então, os novatos ficaram responsáveis por receber os palestrantes, ajudar com o *coffee break* e situações emergenciais.

Eu achei que fosse uma boa ideia sumir e dizer que voltei para São Paulo. Não me lembro, mas dei uma explicação furada e nem um pouco convincente.

Durante a semana, me mantive preso dentro do apartamento — ninguém além dos meus amigos podia me ver.

Meu telefone estava barulhento, então o desliguei. Não me importei se o pessoal do PET precisava de ajuda com o que havíamos combinado.

Meu apartamento era um santuário e, meus amigos e eu, passamos a semana ouvindo música e estudando. A luz nem sequer tinha intensidade suficiente para penetrar a cortina da sala. Eu estava auto exilado.

Foi nessa época que descobri que cantores e bandas lançavam álbuns cheios de músicas. Havia um universo escondido atrás do rádio e das estações FM. O som desse universo era hipnotizante e mantinha minha mente cativa.

O santuário era forte o suficiente para evitar a materialização da culpa por abandonar meus colegas em um momento que exigia coordenação, articulação e compromissos.

Meus amigos iam para a semana acadêmica normalmente, como ouvintes, e me ajudavam a ficar escondido.

Na semana seguinte, vesti a roupa mais leve que tinha e fui à reunião do PET.

O clima era pesado demais para aquela sala pequena aguentar. Algumas pessoas nem sequer olhavam na minha cara.

No começo, silêncio.

O professor parecia se esforçar para manter as nuvens de tempestade afastadas uma das outras. Seu esforço foi em vão.

A ira saiu por entre as cadeiras onde antes havia pessoas.

Eles falam.

Eu escuto.

“Se você não quer trabalhar, então dá a sua bolsa pra mim. Tem muita gente se matando aqui pra ganhar um dinheiro e você não o merece.” — disse uma das meninas. A revolta na sua voz era palpável e deixava marcas na imensa mesa da sala.

O professor não intervém. Ele parece cansado.

Eles continuam a falar.

Eu fico quieto.

Como pude fazer isso? Por qual razão eu fiz isso?

Apesar de tudo, era bom ouvir e saber que eu realmente merecia.

Como cicatriz, a marca daquela revolta se prendeu a mim.

Como recordação, a cicatriz me ajudou a ser alguém melhor.

CVII

As festas eram incríveis. Não estou falando das grandes festas da universidade ou organizadas pelas repúblicas mais tradicionais da cidade. Me refiro àquelas improvisadas, de última hora e com gente aleatória e divertida.

Algumas duravam um par de horas, outras um par de dias.

* * *

Em uma ocasião articulada com ajuda das forças do além, tive minha primeira experiência com vinho.

Claro, éramos universitários — nada com *Chateau* no nome.

Alguém me convenceu que vinho era mais gostoso do que vodka com Sprite — hoje em dia, não consigo mais beber sprite sem que minha língua sinta o sabor imaginário da vodka.

Acontece que achei os dois terríveis, mas o vinho descia melhor. Deslizava garganta abaixo de forma tão doce que não percebi quando deveria parar.

As coisas giram. Mais do que deveriam. Eu sei que o planeta Terra se move, mas nunca havia notado. Como descemos até o centro da cidade? Alguém deu a ideia de beber e caminhar.

‘Ótima ideia, deve ser por isso que uso um banco de praça como cama.’

Lembrei! Queriam comer lanche de trailer às duas da madrugada — porque universitário não tem o que fazer.

Deitado, enquanto o mundo gira, meu estômago decide expulsar todo o líquido. Tão fácil como deslizou para dentro, agora ele se arremessa para fora.

“Gente,” — um jato no chão da praça — “o que tá” — um jato ácido em um gramado — “acontecendo?” — tem coisa saindo pelo nariz.

Na praça, em frente a um carrinho de lanches e de costas para a biblioteca municipal, conheço o famoso “PT”.